

*Ecomuseu dos Morros da Queimada, São Sebastião, Santana, São João e Piedade:
primeiros passos para a realização de um projeto ou quando o sonho começa a se tornar
realidade*

Cada marco de porta evoca
Um passado que conosco está
Como se a carne pertencera.
E nossa história, quem narrará?
Alphonsus de Guimaraens Filho

A importância histórico-cultural da cidade de Ouro Preto é inegável. Constituída pelos arraiais mineradores do século XVIII, está situada estrategicamente aos pés do Pico do Itacolomi, marco geográfico e simbólico dos inúmeros caminhos percorridos por todos aqueles que se aventuram e se (des)venturam pelas estradas da vida. São trezentos e sete anos de formação de um acervo arquitetônico, paisagístico, histórico e artístico, fruto de uma sociedade plural, que deixa transparecer em sua dinâmica cotidiana, toda beleza e simplicidade da maneira de ser de seu povo, captada exemplarmente por Aloísio Magalhães: “(...) Acordei às seis da manhã. Saí andando pela cidade. Então, assisti a como ela amanhece e como se inicia sua vida. Este processo de aprendizado é até mesmo físico. Muito cedinho, as linhas das casas são *floues*, por causa da neblina, e só aos poucos se delineiam. Então você vê as casas que se abrem, o leite que entregam, o carteiro que começa a trabalhar. O que quero dizer com isso é que é preciso conhecer a vida para entender o passado e seu processo de continuação”.¹

Isso significa que Ouro Preto não é uma cidade congelada no tempo, exposta somente à curiosidade turística. Por detrás das tramas de telhados, casas, becos, ruas e ruelas, existe todo um sistema de relações sociais e culturais, que trabalha no sentido de projetar as releituras das memórias passadas nas vivências do presente. Mas “O tempo cultural não é cronológico. Coisas do passado podem, de repente, tornar-se altamente significativas para o presente e estimulantes do futuro” (Magalhães: 1985, p.67).

¹ MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 186.

O grande desafio a ser enfrentado – o de inserir a cidade no panorama contemporâneo, com sustentabilidade, considerando-se a preservação de seu patrimônio cultural e natural – clama por ações articuladas, envolvendo todas as esferas da sociedade. Em Ouro Preto, *preservar implica o estabelecimento de uma política voltada à qualidade de vida do cidadão.*

Neste sentido, a implementação de um projeto baseado em conceitos, metodologias e ações desenvolvidas sob os princípios do Museu Comunitário/ Ecomuseu, torna-se pertinente e necessário, indo ao encontro das necessidades e demandas comunitárias dos bairros em questão, remanescentes do antigo Arraial do Ouro Podre, importante núcleo minerador precursor da formação de Vila Rica. Seu proprietário, o rico comerciante Paschoal da Silva Guimarães, veio do Rio de Janeiro à procura de ouro, a exemplo de tantos outros.

Os primeiros passos:

Durante audiência pública realizada em fevereiro p. passado junto às respectivas comunidades, foram colocados em discussão, temas referentes às questões de preservação e criação do *Parque da Cachoeira das Andorinhas*, transformando o local em área de proteção ambiental, e do *Parque Arqueológico do Morro da Queimada*, projeto grandioso envolvendo a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e os Ministérios da Cidade, do Turismo, do Meio Ambiente, das Minas e Energia e da Cultura. Nesta ocasião, ao ser aberto o debate, tive oportunidade de lançar *as primeiras idéias ecomuseológicas*, que foram recebidas com um misto de curiosidade e desconhecimento. Em Minas Gerais não existe ainda nenhuma experiência neste campo.

Posteriormente, dei início a uma fase de sensibilização de determinadas lideranças locais para o tema. Foi nesta ocasião, em março p. passado, que, após contato com a equipe do *Ecomuseu do Quarteirão/ Santa Cruz*, realizei uma viagem ao Rio de Janeiro para ver *in loco* o trabalho aí desenvolvido, que completa 12 anos e possui merecido reconhecimento de especialistas nacionais e estrangeiros, tornando-se referência ao lado do *Ecomuseu de Seixal*, em Portugal e do *Ecomuseu de Creusot*, na França. Tivemos sessões de relatos das experiências, seguido por reflexões e debates e, visita aos locais considerados partes integrantes do Ecomuseu. Estava lançada nossa ponte cultural!

As primeiras ações:

Durante o Fórum das Artes/ Festival de Inverno de Ouro Preto – período de 8 a 30 de julho de 2005, duas ações efetivas aconteceram. A primeira, uma oficina na área de artes plásticas, que propiciou o envolvimento social entre seus participantes e a comunidade. Intitulada *Nas pegadas de Pedro II: aula passeio no Morro da Queimada*, foi ministrada por um artista plástico e acompanhada por um monitor/ morador do bairro, que atuou como guia histórico do local.

A segunda, mesa redonda durante o Seminário *O Museu e as Cidades*, intitulada *Modelos de Gestão Museológica e a Inclusão Social: ecomuseu*, que contou com a presença de Odalice Priosti, representando o Ecomuseu de Santa Cruz, Rio de Janeiro, de Laís Aderne, do Ecomuseu do Cerrado em Goiás e a nossa participação, sob coordenação da Diretora Municipal de Cultura de Ouro Preto, Sandra Fosque.

Mais uma ponte cultural foi lançada, dessa vez, com fortes alicerces para a sustentação das inúmeras possibilidades de deflagrar o processo ecomuseológico em Ouro Preto! E teremos padrinhos ilustres!

Que os sinos dobrem, os anjos digam amém e que todos os caminhos nos levem ao bom entendimento, ao diálogo entre as partes, ao debate construtivo, ao respeito às diferenças e ao sucesso desse projeto em construção!

Ouro Preto, junho de 2005

Yára Mattos

Museóloga e Educadora